

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA**

VERA VICTORINO VALLE FRANCO

**AS DIVERSAS LINGUAGENS COMO FATORES CONTRIBUINTES NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Anápolis
2012

VERA VICTORINO VALLE FRANCO

**AS DIVERSAS LINGUAGENS COMO FATORES CONTRIBUINTES NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação da Faculdade Católica de Anápolis para obtenção do título de Especialista em Docência Universitária sob orientação da profª Ms. Joicy Maria Rezende Rolindo.

Anápolis

2012

VERA VICTORINO VALLE FRANCO

**AS DIVERSAS LINGUAGENS COMO FATORES CONTRIBUINTES NO
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Especialização em Docência Universitária da Faculdade Católica de Anápolis como requisito para obtenção do título de Especialista.

Anápolis-GO, 28 de abril de 2012.

APROVADA EM: _____/_____/_____ NOTA _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Ms. Joicy Maria Rezende Rolindo.

Prof^a Esp. Aracelly Loures Rangel

Prof^a Ms. Artur Vandré

DEDICATÓRIA

Aos meus pais que me deram a oportunidade de viver, evoluir e por terem acreditado na minha capacidade intelectual.

Ao meu esposo, pelo companheirismo, dedicação e incentivo na minha trajetória acadêmica e profissional.

Aos meus mestres e orientadora por me ensinaram que o conhecimento é algo contínuo e revigorante.

“Um ganso amedrontado, pressentindo subitamente algum perigo, ao alertar o bando inteiro com os seus gritos não está informando aos outros aquilo que viu, mas antes contagiando-os com seu medo”.

Vygotsky

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	06
1 O USO DAS DIVERSAS LINGUAGENS NO ENSINO SUPERIOR	08
2 OS GÊNEROS TEXTUAIS COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZADO NO ENSINO SUPERIOR.....	12
3 O DESENVOLVIMENTO DA CRITICIDADE E SUA RELAÇÃO COM AS DIVERSAS LINGUAGENS.....	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26
ABSTRACT.....	28

AS DIVERSAS LINGUAGENS COMO FATORES CONTRIBUINTES NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Vera Victorino Valle Franco¹

Joicy Maria Rezende Rolindo²

RESUMO

As habilidades de ouvir, ler, falar e escrever a língua, como forma de aquisição de conhecimento e comunicação, devem estar relacionadas com o uso de distintas linguagens na interação humana. Cabe aos educadores do Ensino superior identificar e discriminar os diversos gêneros textuais, relacionar atividades de leitura e análise textual em diferentes linguagens, além de analisar as possibilidades de trabalho com esse instrumento, avaliando e considerando o desenvolvimento do senso crítico e o exercício da cidadania. Trata-se do estudo de metodologias de abordagem da temática pesquisada no Ensino Superior, resgatando as interrelações entre as linguagens diante da realidade social e a prática cotidiana da relação binomial ensino-aprendizagem. Através de pesquisa bibliográfica e documental, fundamentada em estudos de pesquisadores como Bahktin Vygotsky, Koch, Rego e Eco, o presente trabalho tem o escopo de construir uma reflexão crítica a respeito das linguagens amiúde aplicadas no aprendizado acadêmico e a necessidade de serem percebidas como um instrumento modificador não apenas do fenômeno da comunicação, mas também das relações no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem. Instrumento. Interação Linguagens

INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita ocupam grande espaço de destaque nas discussões em todas as esferas da sociedade e estar em constante processo de aprendizagem é exigência primordial face aos desafios que o homem tem de enfrentar nos diversos campos da atividade humana. A abordagem temática constitui uma reflexão sobre as várias linguagens no contexto do mundo globalizado e suas conseqüentes implicações para a educação. Assim, através da leitura de diversos gêneros, como jornais, televisão, cinema, música, histórias em quadrinhos, busca-se criar condições que propiciem aos acadêmicos uma compreensão mais crítica do cotidiano que os

¹ Vera Victorino Valle Franco, graduada em Letras pela Universidade Federal de Goiás. veravalle.red@hotmail.com

² Joicy Profª Ms. Joicy Maria Rezende Rolindo. Orientadora. joicy.rolindo@uol.com.br

envolve a fim de lhes proporcionar interpretar, transformar e interagir com a realidade.

Há antigos preconceitos sobre os recursos pedagógicos como a Música, o Cinema, a Televisão, as História em Quadrinhos, os Infográficos, entre outros, mas deve-se investigar como essas práticas auxiliam o desenvolvimento cognitivo dos aprendizes no uso das diversas linguagens.

As habilidades de ouvir, ler, falar e escrever a língua como forma de aquisição de conhecimento e comunicação devem estar relacionadas com o uso de distintas linguagens no processo de interação do homem. Cabe aos educadores do Ensino superior identificar e discriminar os diversos gêneros textuais, que possam contribuir para o processo de compreensão. Intenciona-se, também, relacionar atividades de leitura, interpretação e análise dos textos presentes nas diferentes linguagens que desenvolvam juízo de valor crítico. Além disso, analisar as propostas de trabalho com as linguagens diversificadas com o objetivo de avaliar o desenvolvimento do senso crítico e a preparação para o exercício da cidadania.

A distância entre o objeto de conhecimento trabalhado na sala de aula e o que se cobra socialmente do aluno exige um maior engajamento do professor nas atividades teóricas e práticas, de análises, de como instrumentos necessários à aprendizagem. A inserção de práticas pedagógicas dinâmicas relacionadas às diversas mídias podem contribuir para o ensino-aprendizagem. Segundo Napolitano (2003), a midiabilidade nas diversas linguagens é uma das possibilidades fundamentais a serem repensadas pelo ensino, pois incorpora material como fonte de aprendizagem, fornece alguns pressupostos críticos e ainda valoriza elementos culturais dos aprendizes. Ela influencia sobre a sociedade disseminando suas características alienantes ou conformistas, mas também perspectivas para o desenvolvimento do senso crítico.

Trata-se de estudo envolvendo a proposição de metodologias de abordagem da temática pesquisada no Ensino Superior, resgatando as interrelações entre as linguagens dos jornais, da televisão, do cinema, da música, das histórias em quadrinhos diante da realidade social e a prática cotidiana no processo de ensino-aprendizagem. Assim, foram realizadas pesquisas bibliográficas iniciais (incluindo revistas impressas, eletrônicas e artigos) objetivando a investigação sobre a necessidade de se utilizar as várias linguagens e mídias nas atividades

pedagógicas que favoreçam a formação de cidadãos reflexivos capazes de ler e interpretar criticamente não apenas livros, e sim o mundo nas diversas linguagens.

O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica e documental fundamentada em estudos de diversos pesquisadores que analisam o tema, entre eles (Bakhtin, 2003), (Vygotsky, 1993), (Koch, 2004), (Rego, 1995) e (Eco, 1993). A exposição dos resultados é organizada em três capítulos. No primeiro, apresentam-se os diversos gêneros textuais e a contribuição desses para enfrentar os obstáculos da realidade educacional. No segundo, pretende-se discutir a necessidade de incorporar diversas linguagens no cotidiano estudantil como elemento facilitador da aprendizagem. Por último, intenciona-se reforçar a importância de desenvolver o senso crítico a partir da análise de filmes, músicas e outras linguagens exploradas em sala.

Espera-se uma reflexão sobre diversas linguagens aplicadas no aprendizado acadêmico e a conseqüente necessidade de serem percebidas não como mera manifestação artística e lúdica, mas como um instrumento que tem modificado profundamente a comunicação e as relações no mundo contemporâneo.

1 O USO DAS DIVERSAS LINGUAGENS NO ENSINO SUPERIOR

Nos últimos anos tem-se discutido a utilização de novas linguagens para motivar os alunos e atualizar as fontes de aprendizado, incluindo o campo de imagens, sons, cores veiculados em mídias distintas. A articulação do conhecimento científico com a amplitude de linguagens deve ser utilizada para considerar o homem como ser histórico e social.

Para Rojo (2004, p. 31), compreender e produzir textos não se restringe ao trato do verbal (oral ou escrito), mas à capacidade de colocar-se em relação às diversas modalidades de linguagem oral, escrita, imagem, imagem em movimento, gráficos, infográficos para delas tirar sentido.

Na perspectiva vygotskyana, o processo lúdico no ensino-aprendizagem, atuando como mediadores da cultura, propicia aos aprendizes um diálogo cultural, interpretando o mundo a si mesmos e envolvidos em processos individuais e coletivos que desencadeiam criatividade e prazer. Além disso, auxilia na aquisição da linguagem, na ampliação de vocabulário e na capacidade de analisar, com

criticidade, os discursos na realidade circundante. Percebe-se ainda que, como cidadão, ler diferentes linguagens predispõe o aluno a explorar e expor suas inquietações cotidianas.

O olhar crítico do adolescente e do adulto desenha o mundo segundo seus sonhos, fantasias, utopias correlacionadas à tecnologia e às diversas linguagens. O docente deve refletir sobre a formação pessoal e cognitiva do educando, visto que esse é carregado de emoção e participa do processo de formação. Baseados nos princípios materialismo-dialético, Vigotsky e Wallon consideram o desenvolvimento humano como processo de apropriação pelo homem da experiência histórica e cultural (GALVÃO, 2005; REGO, 2007)

Deve-se explorar essas formas de percepção da realidade e as diferentes linguagens podem ser um canal de comunicação com o mundo, com os outros e consigo mesmo, proporcionando prazer aos educandos e, ao mesmo tempo, serem ferramentas imprescindíveis para os indivíduos construírem um universo cognitivo e coletivo. A ausência de textos variados que circulam socialmente é uma recusa à vivência e experiência do acadêmico como cidadão fora do espaço universitário.

O cotidiano do aprendiz é repleto de peculiaridades e riquezas a serem exploradas. Surgem, de forma intrigante, várias construções de linguagens capazes de manifestar o conhecimento do indivíduo e como ele compreende os conflitos e analisa as tensões do mundo sensorial e cognitivo. A internalização apresentada por Vigotsky (1984), no contexto de sua obra nomeada como Natureza Semiótica, é uma forma abstrata da significação.

Bakhtin também partilha da ideia de que o campo da significação é heterogêneo, como é o caso do sentido que os significados culturais instituídos têm para os indivíduos e diferentes grupos. A identidade é definida pela relação do indivíduo com outros, isto é, cada indivíduo se completa e se efetiva no relacionamento com os que estão à sua volta, em seu convívio. Ele defende a ideia de que o homem é o objeto das ciências humanas, sendo um ser expressivo e falante, inesgotável em seu sentido e importância. (BAKHTIN, 2003)

Bakhtin também enxerga um mundo em movimento e em perene transformação, seu objeto está sempre em processo, não se submete a uma forma fixa e imutável. Cada obra traz em si a materialidade da prática social, portanto, “não

se pode separar o autor das imagens e personagens, uma vez que ele integra a composição dessas imagens como parte inalienável” (BAKTHIN, 2003, p. 321).

Na perspectiva bakhtiniana, o estímulo do meio ambiente instiga o aluno a conquistar estágios mais elevados de raciocínio. Diante desse quadro, vê-se a necessidade de levar ao espaço acadêmico vivências humanas levando o aprendiz a refletir sobre seu cotidiano e a interpretação de suas “versões”. O professor, agente mediador do processo, necessita de ferramentas relacionadas à diversidade textual e à tecnologia, catalizadoras de debates, para que a compreensão do aprendiz seja mais reflexiva e crítica, frente ao bombardeio da indústria cultural e a deficiência no processo de ensino-aprendizagem.

O que se vê, atualmente, é o desinteresse dos alunos pelos livros didáticos. Assim, o ambiente educacional torna-se distante da realidade de inúmeros interesses atuais, como tecnologia, internet. Ler é um exercício que exige não apenas a decodificação, e sim a percepção de saber perguntar, responder, entender e criticar. Assim, ler é dialogar, buscar alternativas que respondam as inquietudes e dúvidas que são geradoras do aprendizado.

Segundo Davis (2005), diferentemente de outras teorias psicológicas, a sociohistórica vê o psiquismo humano como uma construção social, que resulta da apropriação, por parte do sujeito, dos conhecimentos e produções culturais da sociedade em que vive, por intermédio da mediação da própria sociedade.

Assim, o uso de jornais, charges, cartuns, músicas, filmes, programas televisivos entre outras linguagens como meio de complementar o ensino-aprendizado passa a ser um suporte para o professor universitário. Aproximar o aprendiz e educador faz parte desse processo. O procedimento de buscar textos e recursos midiáticos que resgatem o interesse do acadêmico deve estar presente no planejamento do educador/mediador.

Segundo Rego (1995, p.79),

na perspectiva vigotskiana, embora os conceitos não sejam assimilados prontos, o ensino escolar desempenha um papel importante na formação dos conceitos de um modo geral e dos científicos em particular. A escola propicia às crianças um conhecimento sistemático sobre aspectos que não estão associados ao seu campo de visão ou vivência direta (como no caso dos conceitos espontâneos). Possibilita que o indivíduo tenha acesso ao conhecimento científico construído e acumulado pela humanidade. Por envolver operações que exigem consciência e controle deliberado, permite que as crianças se conscientizem dos seus próprios processos mentais (processo metacognitivo).

A autora vê como Vigotsky aponta a necessidade de construir uma escola que instigue o diálogo, a dúvida, o questionamento. Um local em que alunos e professores sejam autônomos e possam refletir sobre o processo de construção de conhecimento e buscar novas informações. O problema enfrentado nesse âmbito e que gera um certo preconceito é a necessidade de se usar abordagens distintas dos documentos escritos. A televisão, assim como outros meios tecnológicos podem ser vistos como ferramentas inúteis ou que não geram conhecimento.

A importância de se aprender a ler a imagem, mesmo nos livros em que há textos, é grande. Faria (2004, p.53) defende que o jovem leitor percebe primeiro as imagens, depois ele lê as palavras, mas por meio dessas imagens, como por meio das palavras, é o desenrolar de uma única e mesma história que ele acompanha. É fundamental, então, que o educador conheça bem a articulação entre o texto verbal e imagético assim como o utilize de forma adequada em sala de aula.

Dessa forma, cabe à escola auxiliar na formação de conhecimentos sistemáticos e no desenvolvimento das funções psicológicas, além de propor uma escola diferenciada, em que as pessoas possam pensar, discutir, dialogar, refletir e compartilhar saberes. Além disso, docentes e discentes teriam mais autonomia, refletindo sobre o próprio processo de construção do saber e ter acesso a novas ideias.

Koch (2004) defende a ideia segundo a qual os indivíduos desenvolvem uma competência metagenérica que lhes possibilita interagir de forma conveniente, na medida em que se envolvem nas diversas práticas sociais. A ideia principal para desenvolver a aprendizagem é considerar os conhecimentos factuais e conceituais que o aluno já tem e como vão interagir com a nova informação cedida pelos materiais pedagógicos.

A linguagem, entendida como um sistema simbólico fundamental em todos os grupos humanos, elaborado na história social, que organiza os signos em estruturas complexas e desempenha um papel imprescindível na formação das características psicológicas humanas (REGO, 2005, p. 53).

Essa competência é essencial para a produção e a compreensão dos gêneros textuais ou até mesmo dos gêneros que já temos definido. Ela destaca-se no processo de compreensão e produção dos gêneros textuais, uma vez que o

produtor do texto conta com o conhecimento prévio dos seus leitores a respeito do gênero em questão. Logo, o domínio de gêneros, compreendidos como práticas sociais, contribui para a produção de sentidos.

2 OS GÊNEROS TEXTUAIS COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZADO NO ENSINO SUPERIOR

Segundo Marcuschi (2008), a expressão “gênero” é usada para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias. A análise de gêneros implica a análise de texto e de discurso e “o trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas”.

Citando Carolyn Miller, Marcuschi (2008) retrata os gêneros textuais como “forma de ação social”. Eles são um “artefato cultural” importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade. Assim, abre-se a necessidade de tomar o texto como evento comunicativo, vendo-o como um processo, em que a relação entre forma e conteúdo juntos compõe a textualidade. Além disso, torna necessário evidenciar que o contexto se apresenta como direcionador da interpretação.

O autor sugere modelos que consideram as pistas contextuais extralinguística e metalinguística, suas pistas (conhecimento imediato e propriedades convencionais, fatos, crenças), e paralelismos entre os níveis de especificidade; a exploração dos dois tipos de pistas e a consideração dos processos de apreciação e avaliação. Além da noção de texto como evento comunicativo, de se evidenciar o contexto, a noção de inferência se coloca como central na compreensão textual.

Bakhtin (2003) defende o uso dos gêneros do discurso da fala. Possuímos um rico repertório dos gêneros orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica.

Lamentavelmente, a escola costuma limitar-se à leitura de texto, pretendendo-se à compreensão, à interpretação e à produção de redações. A interação com o interlocutor e a participação ficam ao abandono. No espaço fundamentalmente reservado para a formação de cidadãos, aprende-se a ler produzindo textos, deixando de discutir os efeitos sociais dos textos que estão na mídia (MENEZES, 2011, p. 13)

Algumas instituições se limitam apenas aos textos escritos, reduzindo o processo em ler, interpretar e produzir textos. Analisar o poder de persuasão e manipulação dos anúncios publicitários e jornais, captar o poder de influência e de construção de modelos e/ou estereótipos explorados nas telenovelas, revistas e músicas são alguns dos enfoques que o professor teria para abordar em sala. Integrar os quadrinhos a outras produções editoriais, televisivas, cinematográficas, fonográficas, levando-as como fonte complementar e não como adversárias na atenção dos estudantes também é uma forma válida.

Sabe-se que o texto é o principal suporte pedagógico, não apenas os literários, e sim todas as produções que os alunos possam ter contato: jornais, cartas opinativas, publicidades e afins. Exames vestibulares, concursos públicos frequentemente usam o texto misto, apropriando-se desse recurso.

É preciso acabar com a resistência cultural quando se fala em tecnologia na sala de aula. As experiências, geralmente, são voltadas para o conhecimento técnico dos meios de comunicação, não o crítico. A aula pode ser substituída pelo interesse aprofundamento real no tema. A incorporação desse material não é uma panaceia para salvar o ensino, e sim uma estratégia para ampliar a reflexão e o dinamismo de aula. É a união da abordagem tradicional e o uso de mídias para que o desenvolvimento em grupo seja mais crítico, dinâmico e criativo em todas as disciplinas.

3 O DESENVOLVIMENTO DA CRITICIDADE E SUA RELAÇÃO COM AS DIVERSAS LINGUAGENS

As observações constantes no trabalho pedagógico apontam para a necessidade de diferentes conhecimentos e implantação de práticas que possam contribuir para um percurso mais eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Constata-se a existência de diversas linguagens como suporte a fim de desencadear condições de conviver com o próximo, ser sujeito de nós mesmos, conhecer e transformar a realidade.

Como formar o cidadão frente à influência avassaladora da mídia no quadro de uma cultura pós-moderna fragmentada e fragmentadora? Qual o papel da escola neste processo? Quem mais uma vez educará os educadores? E quem forma os comunicadores? Qual seria, então, o caminho para a construção da cidadania pós-moderna e para garantir, assim, a sua emancipação? (CALDAS, 2005, p. 94).

A música mostra-se fundamental para os acadêmicos e os educadores que intencionam despertar a criatividade e investir na percepção cognitiva e sensorial dos aprendizes. Evidencia-se o quanto a música tem papel decisivo nas transformações sociopolíticas no nosso país. A literatura é uma arte polissêmica e polifônica, dialoga constantemente com outras artes, notadamente as artes plásticas.

Da mesma forma, o jornal e as histórias em quadrinhos trazem o mundo para dentro das instituições educativas, com seus anúncios, manchetes, infográficos, críticas atuais e implícitas, auxiliando no exercício de cidadania e desenvolvendo a capacidade intelectual dos educandos. Esses recursos são uma fonte inesgotável de inspiração e possibilidade de aplicação de forma interdisciplinar.

Outro recurso fundamental para o uso do professor é a linguagem da televisão e do cinema. Ela, apesar de ser vista equivocadamente como inimiga do educador, é um fenômeno social que permite incorporar as programações como fonte de debates e apreensão do saber. Segundo Belloni (2001), a mídia, distribui imagens e linguagens, construindo sistematicamente o imaginário de muitos jovens, por oferecer significações através de mitos, símbolos e representações, estereotipando valores, normas e modelos de comportamento socialmente dominante.

A formação de cidadãos, atributo da escola, passa hoje obrigatoriamente pela habilitação do cidadão para ler os meios de comunicação, sabendo desvelar os implícitos que a edição esconde; sendo capaz de diferenciar, entre os valores dos produtores dos meios, aqueles que estão mais de acordo com a identidade de sua nação; reconhecendo os posicionamentos ideológicos de manutenção do *status quo* ou de construção de uma variável histórica mais justa e igualitária. E, para isso, a escola não pode esquecer-se do ecossistema comunicativo no qual vivem os alunos. Ou seja, ou a escola colabora para democratizar o acesso permanente a esse ecossistema comunicativo ou continuará a operar no sentido da exclusão, tornando maiores os abismos existentes (BACCEGA, 2003, p. 81).

Destaca-se, portanto, o recorte que será dado ao estudo valorizando o repertório textual diversificado, na perspectiva de ampliar as percepções, contextualizar o trabalho de apreciação de variados textos e correlacionar essas experiências com as vivências do cotidiano dos interlocutores da educação.

Utilizar novas linguagens para favorecer o aprendizado torna-se uma questão complicada por fugir da área de especialidade do professor. Intenciona-se

por parte do profissional agregar essas atividades no material didático, mas o professor precisa planejar essa incorporação e se preparar previamente para explorar ao máximo esse material.

A escolha do material que desperte empatia no profissional e desperte o interesse do aluno faz parte da otimização do uso da televisão e do cinema em sala de aula. Outro fator importante para se ter um bom aproveitamento na aula é fazer uma pré-seleção de temas transversais³, montar um material de apoio, como textos introdutórios, obras de consulta rápida, fichas e roteiro de análises.

Ler é estar psicologicamente disposto a fazer perguntas, buscar respostas e, preferencialmente, saber onde encontrá-las. Muitas vezes, as respostas não são explícitas. Ou, ainda, não podem ser encontradas na área do conhecimento de que faz parte a pergunta. Mas a própria existência da dúvida revela nova possibilidade de interpretação e, portanto, desconfiância do texto lido, o que já é saudável para abrir possibilidades de leitura (MENEZES, 2011, p. 10).

A televisão deve ser incorporada como possibilidade de conhecimento. No Ensino Superior é importante estimular uma reflexão crítica acerca dos conteúdos transmitidos pela tevê e cinema além da incorporação de parte de conteúdos como fonte de aprendizagem, articulando habilidades dos aprendizes e conteúdo programático.

Envolvem-se diversas categorias de abordagem dentro da mídia televisiva. Se o professor fizer bom uso do material disponibilizado, de acordo com a faixa etária, escolar e o grau de aprofundamento do debate em torno do uso das diversas linguagens, terá um material rico com fonte de conhecimento e crítica.

Segundo Napolitano (2003), o espaço escolar tende a ser flexibilizado adquirindo uma função didático-pedagógica aliando conteúdos programáticos com programas gravados em vídeos, transmitidos via satélite ou mesmo análises de curta ou longas-metragens. Visando aperfeiçoar a socialização de conteúdos, o MEC lançou a TV Escola em 1996 e ao lado de Canal Futura, TV Senac, a TV Escola otimiza e renova o ensino utilizando esse veículo comunicativo.

³ Temas transversais: assuntos não obrigatórios que expressam conceitos e valores fundamentais à democracia e à cidadania e correspondem a questões importantes e urgentes para a sociedade brasileira de hoje, presentes sob várias formas na vida cotidiana.

Alguns teóricos discutem a veracidade desse engajamento midiático e conteudista desde o surgimento da televisão. Entre eles, McLuhan (2005) aprovava a cultura da “nova oralidade” substituindo a “cultura do livro”: com o cinema falado e com a TV, sobreveio a mecanização da totalidade da expressão humana, da voz, do gesto e da figura humana em ação.

Umberto Eco (1993) já não foi tão otimista com a massificação das ideias. Tomou para si a tarefa de agrupar críticas sobre o assunto e algumas de suas conclusões são úteis para definir procedimentos de análises. Para Eco (1993, p. 365), a análise da tv deve levar em conta três elementos: Intenções do remetente (da mensagem); as estruturas comunicacionais (o meio e o código da mensagem); as reações do receptor (a situação sócio-histórica do público receptor e seus repertórios culturais para decodificação da mensagem consumida).

Segundo Napolitano (2003) a partir das décadas de 1970 e 1980 surgem algumas críticas elaboradas a partir de novas pesquisas. Percebe-se, portanto, que o professor tem de estar em alerta sobre a grande discussão acerca do uso da televisão na sala de aula. Esse trabalho deve ser efetuado por uma discussão mínima do professor e uma busca de informações teóricas básicas para não ter caráter de uma “fórmula pronta”, e sim um levantamento reflexivo diante das questões levantadas.

É necessária uma articulação entre teoria e prática. Como mediador do conhecimento, o professor deve estar ciente de sua responsabilidade ao utilizar discussões de filmes, propagandas, documentários e outras fontes de comunicação audiovisual, o que pode ser mais um recurso para articular a ação pedagógica, o conteúdo e os novos mecanismos de aprendizagem. Ele pode contribuir para a exposição de ideias, conflitos e valores desses educandos.

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte (NAPOLITANO, 2005). O cinema é uma ferramenta que permite aos educandos posicionar-se ideologicamente, exigindo do professor estar atento a um constante diálogo com outras culturas, ao contexto sócio-político, econômico, enfim, estar sempre atualizado. Como aponta Napolitano (2003, p.12), ele ajuda a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é

o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte.

Almeida (2001, p.48) explica ser importante usar o cinema na educação:

porque traz para a escola aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vívido e fundamental: participante ativa da cultura e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados, defasados (NAPOLITANO apud. Almeida, 2003, p.12)

Repensar, então, o papel do professor, do aluno e da escola por meio do cinema é “uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”. (DUARTE, 2002, p.17). A postura pedagógica de unir conhecimento científico e práticas individuais e coletivas se faz valorosa e necessária.

Analisar a televisão e o cinema em sala de aula exige do professor um preparo. É uma tarefa complexa em que se deve observar os seguintes aspectos, segundo Menezes (2011):

O aspecto monológico da tevê - a forma como a tv é concebida bloqueia o estímulo ao diálogo. Poucos telespectadores opinam sobre os programas assistidos ou se mobilizam para construir críticas negativas. Diferentemente do cinema, já que temos um intervalo entre a sessão de cinema em casa abre-se oportunidade para manifestar opiniões, interpretar e refletir sobre o que foi visto.

A fragmentação e a redundância da tevê - a autora coloca a programação televisiva como fragmentada, pois ninguém consegue assistir a um mesmo conteúdo o dia todo. E justamente por todos os programas serem interrompidos com frequência, a tevê cria a redundância para nortear o telespectador. A repetição dos anúncios, das cenas dos capítulos anteriores da novela é intencional.

A crença que se estabelece nos meios de comunicação - acredita-se na mensagem por confiar no suporte. O peso da crença na tevê é enriquecido pelo fato de ela também trabalhar com a imagem acabar tendo o poder hipnótico.

A adaptação tevê-sociedade: A televisão acabou adaptando-se às necessidades sociais: a restrição de horários, a consagração do horário nobre, entre outras. Além disso, a transformação da família também interferiu na programação televisiva, pois as mulheres ficam mais ausentes devido à abertura no mercado de

trabalho e as crianças ficam mais seguras em casa vendo televisão. Essa mídia acabou tornando-se uma fonte de renda, um caminho aberto às vendas, à influência do telespectador.

Telespectador versus audiência - o telespectador agora é visto como mercadoria, de acordo com a autora, interferindo nos valores éticos que deveriam ser veiculados na mídia.

Autoridade e liberdade em risco - tem-se o apoio dos meios de comunicação sociais e, por isso, sustenta-se qualquer tese ligada a valores éticos e morais. A mídia televisiva tem uma voz forte na vida dos telespectadores e vale alertar os alunos sobre essa manipulação e influência.

Riso e humor na tevê: Por que rimos? De que rimos? - a programação televisiva é repleta de estereótipos e clichês, principalmente sobre as classes menos favorecidas. O humor fica quase todo limitado aos bordões. Sendo assim, o ridículo faz parte da estrutura do argumento de poder;

A opção pela rede aberta - é um último aspecto que a autora coloca como foco do professor ao analisar a televisão em sala de aula. A escolha pela rede aberta é em função dela ter maior poder de penetração, é a mais influenciadora.

O ideal de qualquer atividade complementar é que ela extrapole o conteúdo do material e vislumbrar a que nele se destina. Segundo Napolitano (2005), é interessante também que haja uma articulação com outras fontes e outros conteúdos escolares já trabalhados ou ainda por trabalhar. O material televisual, assim como qualquer fonte de aprendizado heterodoxa, não é substituído das fontes e conteúdos tradicionais da escola.

Sendo assim, é fundamental que as atividades de síntese remetam a estas fontes, valorizando-as, deixando claro que elas ajudarão a entender melhor os problemas levantados e discutidos. Por outro lado, outras fontes heterodoxas poderão ser articuladas, como textos jornalísticos, filmes, crônicas, músicas. Esse material pode ser trabalhado como material gerador ou analisado após atividades com o material televisual.

O importante ao trabalhar o cinema em sala de aula, é que o professor tenha ciência da necessidade de tratá-lo sistematicamente, questionando se é possível abordar o tema, analisar a faixa etária, associar ao caráter disciplinar, além de se atentar aos aspectos culturais de seus alunos. O educador deve mediar a obra

e os alunos, preparando a sala antes do filme e também articulando o conteúdo à outras atividades, fontes e temas.

Segundo Napolitano (2005, p. 21-27), o cinema pode ser utilizado em sala de aula com todas as faixas etárias. Na Educação Infantil e nos primeiros ciclos do Ensino Fundamental explora-se o uso da experiência social conforme área de interesse. Um exemplo seria o professor de Língua Portuguesa explorar as opiniões sobre o tema, reconto ou resenhar as histórias, conhecer lendas e mitos, entrevistar pessoas que assistiram ao mesmo filme. Para o autor, na pré-adolescência, a percepção e a curiosidade sobre o mundo são pontos-chave para a escolha dos filmes, geralmente aventuras e ficção científica. Para o Ensino médio, a interpretação e o senso crítico devem ser explorados. A partir dessa faixa, os alunos já possuem um poder de abstração e percepção de valores éticos e ideológicos.

É função do professor ter o cuidado com o uso inadequado desse tipo de linguagens. Moran (1995, p. 27-35) aponta cinco usos inadequados em aula: colocar vídeo quando há um problema inesperado, como ausência do professor; exibir um vídeo sem muita ligação com a matéria; o uso exagerado do vídeo diminui a sua eficácia e empobrece as aulas; questionar todos os vídeos possíveis por possuírem defeitos de informação ou estéticos; apenas apresentar o vídeo sem discussão ou integração ao conteúdo da aula. Segundo Napolitano (2005, p. 23),

o cinema em si constitui uma das linguagens mais importantes do mundo moderno, possuindo códigos próprios de significação. A leitura de legendas pode se articular com o trabalho geral de alfabetização, (...) recontar histórias, sugerir outros finais, descrever cenas ou personagens ou, nas séries mais avançadas, produzir relatórios de análises de filmes a título de interpretação de texto (fílmico). No campo da literatura brasileira e portuguesa, existem adaptações literárias de romances clássicos e modernos, permitindo um trabalho instigante de comparação dos textos literários com as respectivas adaptações fílmicas.

Outras linguagens que também ganharam espaço em sala de aula são as charges, cartuns, histórias em quadrinhos. Eles são ricos apoios didáticos por serem recursos expressivos pertinentes nas análises críticas e no aprimoramento das atividades em sala de aula. Barbosa (2006) defende também que afastada a indiferença ou o preconceito com relação aos quadrinhos, descobre-se um caminho riquíssimo a ser trilhado. Segundo Barbosa (2006, p. 65),

Ensina-se a língua em uso, como processo de comunicação, em seus mais diversos contextos. O texto tornou-se o principal suporte pedagógico – e não apenas os textos literários. Os alunos passaram a ter contato com outras formas de produção escrita: reportagens jornalísticas, cartas opinativas, publicidades. A gramática normativa deixou de ser o elemento-chave do ensino.

Vergueiro (2006) considera a linguagem icônica como elemento básico das histórias em quadrinhos. A imagem desenhada, sua menor unidade narrativa e a sequência de quadros permitirão o entendimento da mensagem. O leitor constrói e confirma a narrativa que faz sentido na história. As transições entre os quadrinhos são possíveis porque o leitor está acostumado a ler o corpo do texto como narrativa, tornando-o linear.

Barbosa (2006, p. 34-40) afirma que à linguagem icônica estão ligadas questões de enquadramento, planos, ângulos de visão, formato dos quadrinhos, montagem de tiras e páginas, gesticulação e criação de personagens, bem como a utilização de figuras cinéticas, ideogramas e metáforas visuais.

Percebe-se, portanto, que o educador tem um leque de opções para abordar o acadêmico de forma lúdica, contribuindo com o seu aprendizado. A decodificação rápida dos outdoors e a análise de rótulos de produtos também são textos que devem ser reconhecidos por sua importância e capacidade de transformar os leitores curiosos em críticos.

Outro veículo comunicativo é o jornal. Ele promove a discussão sobre a notícia. A revolução tecnológica trouxe consigo a necessidade de apelo para o sensacionalismo, visto que o caráter informativo do jornal ficou um pouco relegado a segundo plano. A notícia se popularizou entre outros meios e os jornais abriram espaço para notícias regionais, arte, cinema, eventos. E mais que o caráter noticiário, o jornal impresso agora coloca em evidência as ideologias embutidas nas palavras dos editores, utilizando textos opinativos e, às vezes, manipuladores.

Outro ponto importante a ser observado é a relação entre leitura e prática do texto jornalístico tratados em seus três níveis: texto – imagem – diagramação, segundo Faria (2011). Não tem como esgotar as formas de se trabalhar jornais e textos infográficos. OS gêneros distintos, o uso do texto imagético, a associação com fatos atuais, a diversidade temática e a metodologia de trabalhos individuais ou coletivos dá ao professor possibilidades de trabalhar atividades escritas, orais e lúdicas.

Proporcionar contato com o jornal, compará-lo com outros materiais impressos ou orais, observar os leitores-alvo, iniciar-se livremente em gêneros jornalísticos como a crônica, reportagem, entrevista, além de praticar atividades ligadas à literatura, como anúncios descritivos, narrativas e crônicas são atividades pertinentes em sala de aula. Além disso, o professor pode trabalhar a variedade de títulos da imprensa escrita, a estrutura geral de jornais/revistas suas divisões em cadernos, seções, colunas e desenvolver habilidades relacionadas aos aspectos gráficos e lúdicos das matérias.

Para os alunos, o jornal é o mediador entre a escola e o mundo, de forma que o ajudar a relacionar seus conhecimentos prévios e sua experiência pessoal de vida com as notícias, levando-os a formar novos conceitos e a pensar de modo crítico sobre o que leem. Essa leitura deve ser bem conduzida.

Segundo Faria (2011), os docentes devem estar preparados a trabalhar com esse instrumento conhecendo os sistemas e suportes dos textos jornalísticos e não se deixar enganar pelo mito da objetividade que se criou em torno do texto jornalístico.

A objetividade do jornal deve ser questionada a partir do momento em que se compara duas manchetes sobre um mesmo assunto. A informação e a mídia tornaram-se armas de poder. A manipulação do chamado *Quarto poder* molda a informação dentro do contexto que lhes é interessante de ser abordado.

Afinal, entre o fato e a versão que dele publica qualquer veículo de comunicação de massa há a mediação de um jornalista (não raro, de vários jornalistas), que carrega consigo toda uma formação cultural, todo um background pessoal, eventualmente opiniões muito firmes a respeito do próprio fato que está testemunhando, o que o leva a ver o fato de maneira distinta de outro companheiro de formação, background e opiniões diversas. É realmente inevitável exigir dos jornalistas que deixem em casa todos esses condicionamentos e se comportem diante da notícia, como profissionais assépticos, ou como a objetiva de uma máquina fotográfica, registrando o que acontece sem imprimir, ao fazer o seu relato, as emoções e as impressões puramente pessoais que o fato neles provocou (ROSSI, 1991 apud FARIA, 2008).

Da mesma forma o leitor também não é neutro. O sentido da notícia não é dado pronto ao leitor. A sua visão de mundo, seu objetivo ao ler o jornal. Esse é o papel da instituição de ensino: ir além da leitura, além da informação. Analisar as situações que chegam até o leitor através da notícia e tentar compreender e participar das decisões que afetam seu cotidiano. Avaliar a ética na imprensa, a

seriedade dos jornais e as versões das informações que são transmitidas são fontes de trabalho úteis e desafiadoras dentro de sala de aula.

A música também tem sido utilizada como marca presente em diferentes suportes e espaços dentro do contexto histórico-social do homem. O mundo tecnológico ampliou a percepção, principalmente dos jovens, de forma a associar estilos musicais com gêneros textuais, engajados pelo contexto de criação atual.

E por ser assim, tal como a literatura, a pintura e a música, o cinema deve ser um meio de explorarmos os problemas mais complexos do nosso tempo e da nossa existência, expondo e interrogando a realidade, em vez de obscurecê-la ou de a ela nos submetemos (TEIXEIRA, 2003, p. 10).

A música tem seus valores simbólicos e a lógica de suas estruturas, além de suas funções sociais. Com ela, é possível despertar sensibilidade e, ao mesmo tempo, tormento. Apesar de um dos recursos mais ricos de ser utilizado em sala de aula, ele torna-se complexo e intrincado quando se discute as barreiras que o profissional se depara quando não domina o uso dessa linguagem.

Não é necessário o domínio das teorias musicais para desenvolver atividades sonoras, e sim que se desperte o desenvolvimento cognitivo e sensitivo do aluno, envolvendo-o de maneira que ele sinta e cristalice essa situação.

As formas musicais são várias, dentro delas há vários gêneros e estilos distintos. Há músicas para dançar, cantar, encenar em sala de aula. No entanto, elas devem instigar o “ouvido curioso” sem deixar de lado o espírito crítico como ouvinte.

Segundo Ferreira (2010), algumas ocorrências melódicas nos são comuns e cotidianas: campainhas, apito de juiz de futebol, assobio para o cão e até mesmo Beethoven “toscadamente executada” que tornou-se sinônimo de “música de espera de telefone comprado no Paraguai”. Percebe-se, portanto, que combinações sonoras são frequentemente utilizadas para memorização ou suporte para o aprendizado de quaisquer atividades.

Penso que se deve ter clareza de que as práticas musicais estão presentes no cotidiano de qualquer grupo social, tendo um lugar significativo na construção de suas identidades culturais, artísticas e estéticas (KLEBER, 2006 apud MARQUES, 2006).

Versos e estrofes, ritmos, intensidades, timbres, tons e outras variantes sonoras são manifestações artísticas presentes no cotidiano humano. Ela rompe

barreiras, podendo ser usada como um instrumento a mais na construção do conhecimento histórico, cultural social e de busca de identidade.

Pensando na prática da Educação Musical, o diálogo com as teorias do cotidiano abre para reflexões bastante enriquecedoras, à medida em que as ações didáticas propostas procuram reconstruir uma dada realidade, retratando as experiências e vivências musicais concretas dos alunos fora do cotidiano escolar. Aproximando a aula de música desse real, com referenciais teóricos sólidos, introduzem-se inúmeros desafios. Entre eles, a necessidade de compreender o papel da música dos nossos alunos e de que forma podemos nos aproximar e interagir com esse conhecimento (SOUZA, 2000, p.175).

Ela é uma ferramenta associada ao processo de formação da memória e do cognitivo e sua utilização possibilita tornar a aula de história dinâmica, prazerosa, e inovadora. De acordo com os PCNs, a aprendizagem deve promover competências e habilidade proporcionando ao aluno entender a sociedade que vive como uma construção humana, que se reconstrói constantemente ao longo das gerações num processo contínuo.

Vocês já pararam para pensar porque gostamos tanto de ouvir música? O que nos faz ir a um concerto de música orquestral, a um *show*, ou a ficar horas ouvindo rádio, CD ou MP3? [...] É fácil: a música mexe com as pessoas. Ela desperta diferentes sensações, provoca emoções, altera o humor, traz lembranças de coisas, lugares e pessoas, nos movimenta... Enfim. A música faz parte de nossas vidas. Por isso nunca nos cansamos de ouvir música! (HENTSCHKE, et.al., 2000, p.10).

Ao organizar um repertório para cantar ou tocar na escola, seria interessante selecionar um leque de opções, incluindo não só as preferências musicais do cotidiano dos alunos, mas também as escolhas dos professores e as músicas dos concertos, na perspectiva de possibilitar outras escutas, o estranhamento e o conhecimento de outras melodias.

Há muitas possibilidades de análise de músicas em sala de aula. Levantar hipóteses sobre o enredo apresentado, manifestações artísticas exploradas nas letras e ritmos, analisar os textos poéticos a partir de um mesmo tema, identificar neologismos, variações linguísticas, uso da gramática normativa, a ambiguidade, figuras de linguagem e principalmente o viés crítico de algumas produções musicais são alguns pontos a serem explanados em sala de aula.

Analisar músicas, apesar de parecer simples, exige trabalho, dedicação e paciência. Apesar de ser um processo lúdico, o tornar o ambiente educacional inclusivo e construtivo é um processo minucioso, pois o educador tem de ter cautela ao escolher seu repertório e explorá-lo frente a um vasto repertório acessível.

Segundo Hentschke (2000), o papel social de qualquer instituição escolar, o de proporcionar aos seus alunos o acesso ao conhecimento científico, mas também ao patrimônio musical construído historicamente pela humanidade. Sabe-se da importância do professor ler e refletir sobre a persuasão e a eficiência da música no ensino. Ela é uma arte com vasto repertório, um portal para a percepção mais ampla de mundo dentro de cada disciplina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Otimizar a relação de ensino-aprendizagem no Ensino superior, sociedade e mídia é, hoje, um grande desafio. A exploração do lado emotivo e racional das pessoas tem gerado efeitos diversos. Promover, assim, discussões educativas que se unam à afetividade e à razão pode facilitar caminhos de apoio à formação do pensamento humano e científico.

Os jovens contemporâneos buscam por várias vezes identificação com os personagens apresentados na mídia. A ação desta é determinante para a construção de identidade de vários adolescentes que estão em processo de socialização. A ideia é a canalização dos conteúdos viáveis para a aprendizagem de forma a construção de um conhecimento mais global produzido a partir dos demais saberes e das atividades práticas dos seres humanos

A televisão, a música, o cinema e os infográficos precisam ser incorporados ao aprendizado com estratégia de fugir da alienação. O aprendiz deve compreender e assimilar as diversas facetas da mídia e como ela influencia o homem moderno. O poder de sedução dessas redes comunicativas deve ser visto de uma forma crítica, pois ela é direcionada para a sua inserção na sociedade. Essa inserção tem como propósito contribuir para a construção de uma consciência voltada ao exercício da cidadania, formando um cidadão consciente de seus direitos e deveres.

O uso de diversas linguagens no Ensino superior, assim como de outros recursos didáticos, não soluciona o problema educacional. No entanto, a crise do ensino escolar pode ser amenizada a partir do momento em que os alunos receberem mais estímulos. A otimização da aprendizagem não tem fórmula mágica, mas é necessário que cada professor crie mecanismos para atingir seus objetivos e reflitam coletivamente sobre essas atividades.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, M.A. **Televisão e escola: uma mediação possível?** São Paulo: SENAC, 2003.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, A. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** / Alexandre Barbosa, Paulo Ramos, Túlio Vilela; ângela Rama, Waldomiro Vergueiro. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BEINEKE, Viviane. A atividade de composição musical na educação musical escolar: projeto de pesquisa. **Anais do XVI Encontro Anual da ABEM e Congresso Regional da ISME na América Latina, 2007**

BELLONI, Maria Luiza. **O que é Mídia-Educação.** Campinas: Autores Associados, 2001.

CALDAS, G. **Ética e cidadania na formação do jornalista.** Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, v. 27, n. 44, p. 85-101, 2005.

DAVIS, Claudia. **Piaget ou Vygotsky uma falsa questão.** “Coleção Memórias da Pedagogia nº2: Lev Semenovich Vygotsky” “Viver Mente Cérebro” Ediouro/Segmento - Duetto São Paulo, p.38 – 49, 2005.

DUARTE, Rossália. **Cinema & Educação.** Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

ECO, Umberto. Cultura de massa e níveis de cultura. In **Apocalípticos e integrados.** São Paulo, Perspectiva, 1993. 3ª

FARIA, M.A. O. **Como usar o jornal na sala de aula.** 11. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a Literatura Infantil na Sala de Aula.** São Paulo: 2011

FERREIRA, M. **Como usar a música na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2010.

GALVÃO, I. Henri Wallon. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 2005, p.103-112.

HENTSCHKE, Liane; OLIVEIRA, Alda. **A educação musical no Brasil**. In: HENTSCHKE, Liane (Org.). **A educação musical em países de línguas neolatinas**. Porto Alegre: Ed. Universitária/UFRGS, 2000. p. 47-64

KOCH, **Introdução à Lingüística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo. Parábola. 2008.

MARQUES, C. **Pela música nas escolas**. Disponível em. Acesso em 12/01/2012

MCLUHAN, M. Visão, som e fúria. **Teoria da Cultura de Massa**. 7. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MENEZES, G. **Como usar outras linguagens na sala de aula**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2011.

MORAN, J. M. **PLT Novas tecnologias e mediação pedagógica** / José Manuel Moran, Marcos T. Masetto, Marilda Aparecida Behrens. - 18. ed. - Campinas, SP: Papirus; Valinhos: Anhanguera Educacional, 2010.

MORAN, J. M., **Comunicação e Educação**. ECA/Ed. Moderna, jan./br. n.2 São Paulo: 1995.

NAPOLITANO, M. **Como usar a televisão na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

_____. **Como usar o cinema na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky - Uma Perspectiva Histórico-Cultural da Educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

REGO, Tereza Cristina, **A origem da singularidade humana na visão dos educadores**. Implicações Pedagógicas do Modelo Histórico-Cultural. CEDES Campinas. São Paulo, 1995, 97-113. n.35

ROJO, R. H. **R.Linguagens Códigos e suas tecnologias**. In: MEC/SEB/Departamento de políticas do Ensino Médio, **Orientações Curriculares do Ensino Médio**. Brasília: 2004.

SOUZA, J. (org.) **Música, Cotidiano e Educação**. Programa de Pós-Graduação em Música/Mestrado e Doutorado- UFRGS: Porto Alegre, 2000

TEIXEIRA, I. A. C. **A escola vai ao cinema**/ organizado por Inês Assunção de Castro Teixeira e José de Sousa Miguel Lopes. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Et all.* **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa, Estampa, 1981.

THE SEVERAL LANGUAGES AS CONTRIBUTING FACTORS IN TEACHING-LEARNING PROCESS

ABSTRACT

The skills of hearing, reading, speaking and writing the language, as a manner of attaining knowledge and communication, must be related to the use of different languages in human interaction. It is up to the educators in higher education to identify and distinguish among the many textual genres, to relate reading activities and textual analysis in different languages, as well as to analyse the working options that are available concerning that "instrument", appraising and regarding the critical sense development and the citizenship practice. It attends to the study of approaching methodologies of the researched issue in Higher Education, recovering the interactions among languages, concerning the social reality and daily practice in the "teaching-learning" binomial relation. Through a bibliographic and documentary survey based on studies of researchers as Bahktin Vygotsky, Koch, Rego and Eco, the present research has the aim of building a critical reflection about languages often applied to the academical learning process and their need to be taken as a modifying tool not only for the communication phenomenon, but also for contemporary world relations.